



na Baroneza

46//2011

O CÉU NA CABEÇA

Entrevistamos o condômino que
estuda o universo de dentro de casa

ALEGRIA DE PESCADOR

No Lago das Palmeiras,
o ambiente ideal para a prática

CIDADE DAS FLORES

Perto da Baroneza, Holambra
é nossa dica de passeio

BARBECUE COOK

Tudo o que você precisa
saber para um bom churrasco,
por Marcos Bassi e István Wessel



O CÉU NA CABEÇA

Com um projeto em mente – aposentar-se após 40 anos de trabalho no mercado financeiro e dedicar-se, integralmente à astronomia, paixão que cultivava desde menino – Antonio Carlos Barbosa de Oliveira adquiriu, em 2004, um terreno em uma área elevada da Quinta da Baroneza. Ali moldou, com o auxílio de sua esposa, a arquiteta Valeria Wey Barbosa de Oliveira (*do escritório Wey Dhorta Arquitetura*), os alicerces da [Fazenda Boa Vista](#), residência cujo coração reside em um observatório astronômico, com cúpula giratória, similar aos da conceituada *Universidade Harvard*, nos Estados Unidos. “Resolvi fazer tudo sozinho.

Acho que tentar fazer é a melhor forma de aprender”, contou Antonio Carlos à revista *naBaroneza*. Apenas um *hobby*? Um projeto de vida? Acompanhe, na entrevista a seguir.

***naBaroneza* (nB):** Primeiramente, conte quando e como surgiu o seu interesse pela astronomia. O senhor chegou a fazer algum curso formal ou é autodidata?

Antonio Carlos Barbosa de Oliveira (ACBO): Desde criança, sempre li muito sobre física e astronomia, mas nunca tive oportunidade de ter um telescópio e fazer observações astronômicas. Quando a minha aposentadoria, obrigatória por idade, estava chegando perto,

SERVIÇO

OBSERVATÓRIO MUNICIPAL DE CAMPINAS

Informações: (19) 3298.6566

PLANETÁRIO DE ITATIBA

Informações: (11) 4538.4547 e 4534.3839

decidi montar o observatório e aprofundar meus conhecimentos, iniciando um curso de mestrado em astronomia.

nB: O senhor aplica, de alguma forma, esses conhecimentos em sua profissão atual? Ou, para o senhor, a astronomia é um *hobby*, uma forma de se “desligar” das atribuições do cotidiano?

ACBO: Atualmente, a astronomia é minha atividade principal. Depois de trabalhar 40 anos no mercado financeiro, decidi dedicar-me integralmente ao estudo da astronomia.

nB: O que mais lhe encanta na observação dos astros? Que sentimentos isso desperta no senhor?

ACBO: A astronomia é uma ciência que apresentou enormes revoluções nos últimos anos. Apenas citando dois exemplos: a descoberta de planetas fora do nosso Sistema Solar, orbitando em torno de outras estrelas, e a constatação de que o universo está expandindo a uma velocidade crescente são observações da década de 1990, portanto bastante recentes. A complexidade da ciência moderna excluiu os amadores de praticamente qualquer possibilidade de participar das descobertas científicas. Isto não ocorre na astronomia,

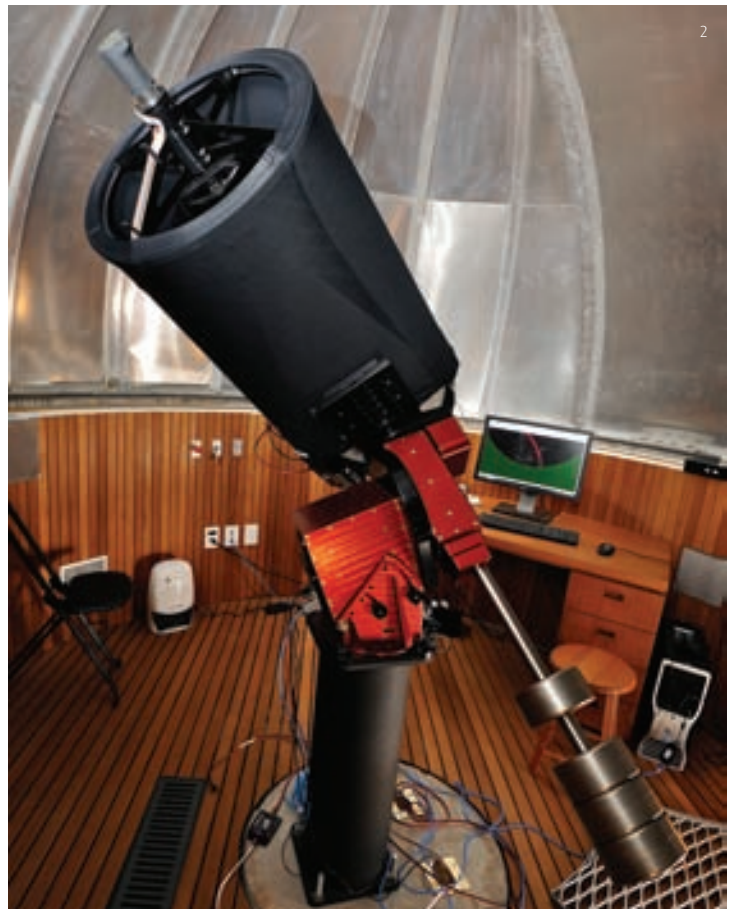
onde os astrônomos amadores continuam a fazer observações cientificamente relevantes. Olhando o cosmos, tenho dois sentimentos opostos. Primeiro, a escala do Universo, com centenas de bilhões de galáxias, cada uma com centenas de bilhões de estrelas, me deixa com um sentimento de que nós somos insignificantes neste Universo. Por outro lado, como a vida fora da Terra ainda não foi detectada, o ser humano é único, e acho absolutamente extraordinário que nossas mentes, que são frutos do processo da evolução pela seleção natural, sejam

capazes de entender a origem, a evolução e a estrutura do Universo de maneira tão completa.

nB: Como se deu a sua ligação com a Quinta da Baroneza? O senhor possui residência no empreendimento há quanto tempo?

ACBO: Conhecí o empreendimento por meio de amigos que adquiriram terrenos no lançamento. Em 2004, comprei um terreno em uma área mais elevada – já escolhido em função do observatório. Em seguida, minha esposa, que é arquiteta, fez o projeto da casa ▶

O observatório de Antonio Carlos Barbosa de Oliveira visto de fora; e o telescópio clicado no interior da cúpula



e do observatório, e iniciamos a construção em 2008.

nB: E como surgiu a ideia de construir um observatório em sua residência? Era um sonho antigo do senhor?

ACBO: Foi uma consequência natural do meu interesse pela astronomia, aliada à vontade de me dedicar a esta atividade depois da aposentadoria.

nB: Quais são as principais características dos seus equipamentos?

ACBO: O telescópio é um refletor com abertura de 0,4 metros, fabricado pela *RC Optical Systems*, no Arizona. É um instrumento de alta qualidade, utilizado em universidades e observatórios de pesquisa. Ele está montado em um sistema robotizado que permite, por meio de um computador, posicionar o telescópio com a precisão necessária. A cúpula rotativa, também controlada por computador, foi fabricada sob

medida, em Belo Horizonte, na empresa *Riedel* – responsável pelas cúpulas dos principais observatórios no Brasil. Além do telescópio, estou instalando uma câmera CCD de última geração para registro das imagens e obtenção de dados para pesquisa.

nB: Imagino que a construção de um observatório seja um projeto bem complexo de se realizar... aonde o senhor buscou referências, equipamentos e peças?

ACBO: A complexidade é grande, e a quantidade de detalhes enorme. Começando pelo projeto arquitetônico, estudamos várias alternativas e visitamos alguns observatórios. Para citar apenas um aspecto, o telescópio deve ser montado sobre um pilar de concreto, com estrutura totalmente independente da casa, para evitar vibrações que podem distorcer a imagem obtida pelo mesmo. A construção foi feita pela *CPA*, e ficou perfeita.

Os equipamentos foram selecionados em pesquisas a revistas especializadas e visitas à feiras de equipamentos astronômicos nos Estados Unidos.

nB: Quanto tempo transcorreu desde a planta até o observatório acabado?

ACBO: O observatório ainda não está totalmente concluído, mas começou a ser utilizado três anos após o projeto.

nB: Algum especialista ou amigo lhe auxiliou na empreitada?

ACBO: Resolvi fazer tudo sozinho. Acho que tentar fazer é a melhor forma de aprender.

nB: O que o senhor sentiu ao ver o observatório pronto? Quando o senhor começou a utilizá-lo?

ACBO: A “primeira luz” – termo utilizado pelos astrônomos para a primeira observação com um telescópio – foi em agosto ►



24 HORAS NO AR

Em seu observatório na Quinta da Baroneza, Antonio Carlos Barbosa de Oliveira instalou também duas pequenas câmeras, que permanecem ligadas 24 horas por dia e podem ser consultadas por qualquer internauta. Com elas, dá para checar como está o céu – e as condições do tempo, por consequência – antes de partir para a Baroneza. Basta acessar:

www.longavista.com.br/allsky.html

de 2010. Foi uma grande satisfação verificar que não cometí nenhum erro grave, e que o resultado final ficou muito bom.

nB: É verdade que o senhor colocou nomes de constelações em cômodos de sua residência? A decoração destes locais também remete, em algum aspecto, à astronomia? Conte alguns detalhes para nós, por favor.

ACBO: Os nomes dos quartos são nomes de constelações, mas a decoração não tem nenhuma referência astronômica. Demos o nome *Longa Vista* à casa e ao observatório. O telescópio foi inventado na Holanda, em 1609. A primeira referência ao

uso do telescópio no Brasil é a descrição, em 1614 (portanto apenas cinco anos depois), de uma batalha contra índios no Maranhão, relatando o uso de um “oculo longa vista”. Achamos que este era o nome ideal para a casa.

nB: Fale um pouco sobre as vantagens de possuir um observatório astronômico em um local como a Quinta da Baroneza. É uma região propícia para esse tipo de atividade?

ACBO: O ideal para observação astronômica é estar em um lugar de grande altitude e clima seco, onde a atmosfera distorce menos a imagem obtida pelo telescópio, e longe dos centros urbanos, onde a poluição lumi-

nosa é menor. Na América do Sul, o melhor lugar é no Chile, na Cordilheira dos Andes, perto do Deserto de Atacama. A Baroneza não é ideal, mas é bastante razoável.

nB: Descreva, por favor, algumas peculiaridades e características do céu da Quinta da Baroneza.

ACBO: O céu da Baroneza não tem nenhuma peculiaridade em relação a outros locais no estado de São Paulo com iluminação similar. Em dias de céu aberto, é possível fazer boas observações, apesar da claridade proveniente da iluminação das ruas.

nB: Mesmo a olho nu, quais as diferenças de se observar o céu em São Paulo e na Quinta da Baroneza?

ACBO: Não existe comparação. São Paulo é totalmente inviável. O observatório da USP (Universidade de São Paulo), que era em São Paulo, hoje é em Valinhos, não muito distante da Baroneza.

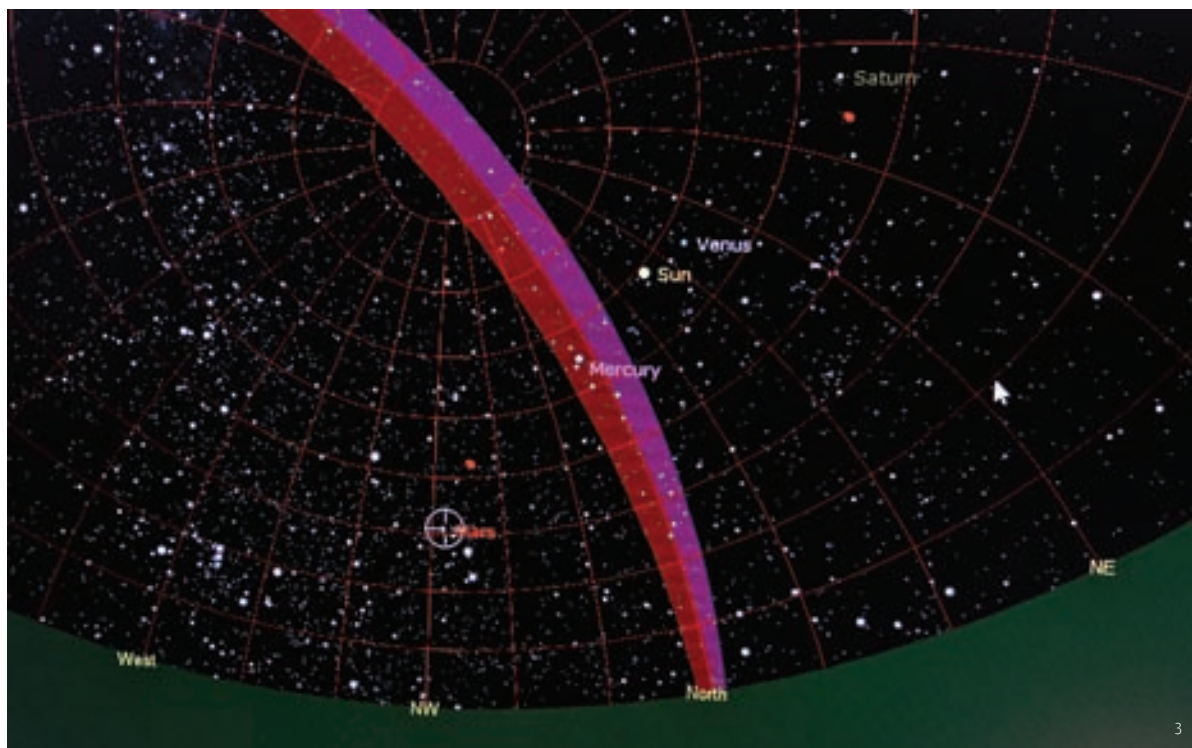
nB: Quais os melhores horários para se observar o céu na Quinta da Baroneza – a olhos nus e com telescópio comum?

ACBO: Tanto a olho nu, quanto com qualquer instrumento, o ideal é evitar a luz da lua. Noites de lua nova são ideais.

OLHE PARA O CÉU

Dois endereços não muito distantes do empreendimento são um convite aos interessados em mergulhar no universo da astronomia. Em Itatiba, dentro do Parque Ferraz Costa, fica o Planetário Municipal Prof. Benedito Rela, o único do país desenvolvido com tecnologia nacional. Às quintas e domingos, ele é aberto para apresentações públicas gratuitas de 45 minutos de duração, às quais somente crianças maiores de sete anos podem participar.

De passagem por Campinas, ou pelo distrito de Joaquim Egídio, mais precisamente, vale uma visita ao Observatório Municipal “Jean Nicolini”, que já acumula mais de três décadas de existência. Sua localização, em meio à Serra das Cabras, é perfeita para a observação dos astros, já que ali não há interferência da iluminação proveniente de áreas residenciais. No local, funcionam palestras e exposições temáticas, observações astronômicas aos telescópios, entre outras atividades. Abre para o público aos domingos, com entrada gratuita, entre 17h e 20h45.



nB: O que o senhor indica para quem se interessa pela astronomia? Qual a melhor forma de buscar conhecimento e quais equipamentos (até mesmo simples) a pessoa não pode deixar de ter?

ACBO: Não é necessário ter um telescópio. Muitos astrônomos amadores recomendam começar com um binóculo – por exemplo um binóculo 8 x 50 (8 vezes de aumento e 50 milímetros de abertura). Um erro comum é achar que o número de vezes de aumento é o fator mais importante. A abertura é o fator mais importante. É o tamanho da lente da objetiva do instrumento e, quanto maior este segundo número, maior a capacidade de captar

luz e, conseqüentemente, melhor a qualidade da imagem obtida. Além do binóculo, é importante ter uma carta celeste, que pode ser impressa ou eletrônica. No *iPhone* existe um aplicativo, o *Star Walk*, que identifica o objeto no céu quando você aponta o telefone. Para pessoas que querem entender o que estão vendo, recomendo os cursos introdutórios de astronomia do Clube de Astronomia de São Paulo (www.astrocasp.com).

nB: Que sugestões o senhor dá para quem pretende observar, de forma mais atenta, o céu da Baroneza? O senhor pode indicar algumas constelações ou astros facilmente

localizados com um telescópio comum?

ACBO: A edição brasileira da revista *Scientific American* publica mensalmente a coluna “Céu do Mês”, com a descrição do que existe de interessante no céu do Brasil em cada mês, junto com a carta celeste correspondente.

nB: Com a construção de sua residência e do observatório finalizada, qual o seu próximo projeto? O senhor tem mais algum grande sonho?

ACBO: Quero concluir a instalação de todos os equipamentos, finalizar o curso de mestrado em astronomia que estou fazendo e iniciar alguns projetos de pesquisa. ■